

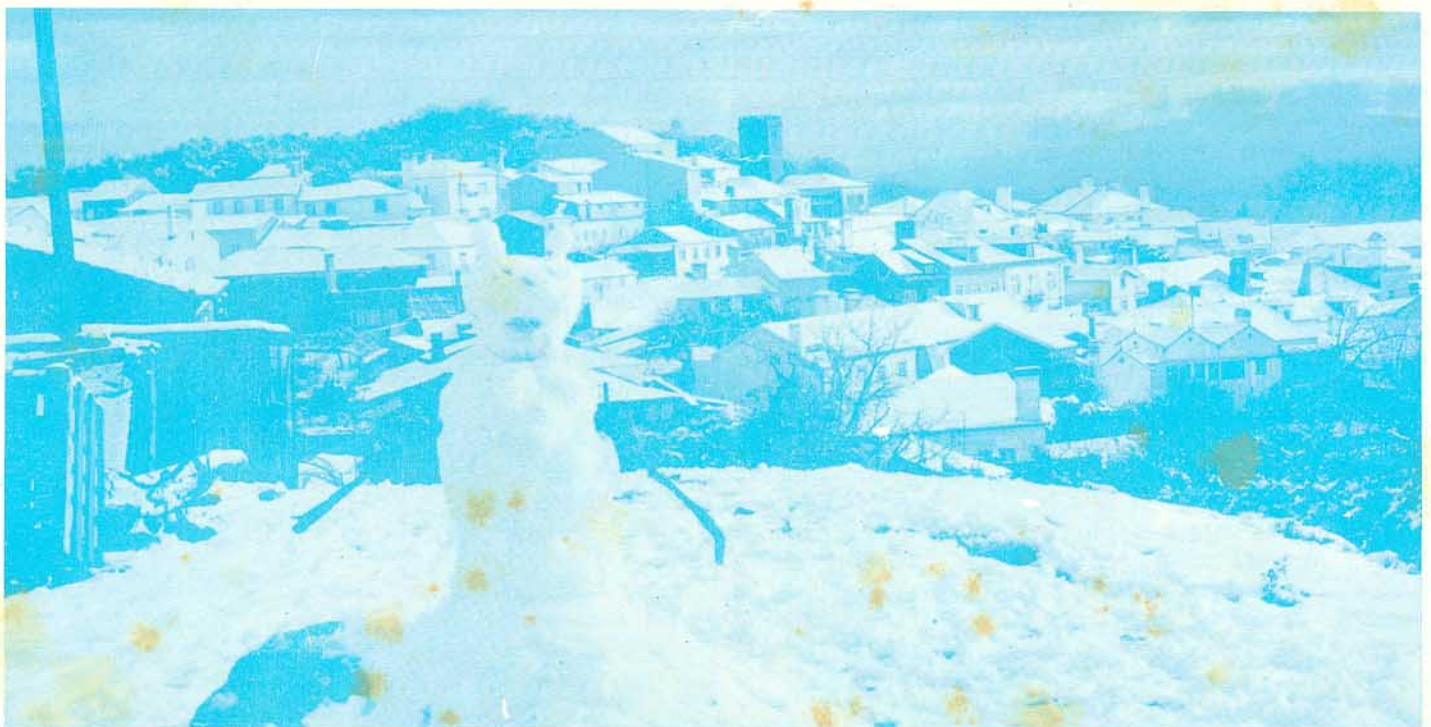
# Comunidade Figueiró

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: *Marçal Manuel Pires Teixeira*

Figueiró dos Vinhos, Janeiro de 1979 — NÚMERO ESPECIAL



PORTE  
PA GO





# Respondendo a Zé Abreu

No anterior número do nosso Jornal e em resposta a uma sua explosão de histerismo, fizemos a Zé Abreu uma contraposta que se consubstanciava na peregrinação — minha e dele — por esse concelho fora, em cada povoação realizando debates, comigo a perguntar ao povo se todos os problemas que eu tenho abordado nestas colunas existem ou não, com o povo a responder e com o Zé a confirmar-se ou a desmentir-me. Eu perguntaria ao povo do Chávelho se a povoação tem água ao domicilio, lavadouros e arruamentos; ao povo de Aldeia de Ana de Aviz, se a povoação tem água ao domicilio, esgotos, arruamentos, estrada alcatroada para a Capela e para a Sorriba; nas Bairradas eu perguntaria se o lugar já foi promovido a sede de freguesia — conforme Zé Abreu prometeu durante as eleições — se tem água ao domicilio, esgotos, arruamentos, lavadouros bastantes, Centro de Saúde, etc.; na Milharia eu perguntava se a estrada está concluída ou sequer iniciada, se há uma fonte condigna no lugar; na Coelheira perguntaria se a estrada já foi iniciada, se os arruamentos estão concluídos e se a verba atribuída para reparação da estrada foi ou não aplicada nos fins previstos ou se a Câmara a desviou: na Saonda, Siqueira, Azeitão, Casal de S. Simão, Salgueiros da Lomba e da Ribeira, Cereal, Abruñeira, Lameirinha, Fato, Aguda Brunhal, Valbom, Caboucos, Vale do Prado, Lameirão, Venda do Henrique, Brejo, Carreira, Arega, Lavandeira, Chãos, Forno Telheiro, Carapinhal, Dourro, Agrias Grande e Pequena, Bairrão, Moninhos, Aldeia da Cruz, Casal Velho, Alge, Ponte Fundeira, Vale Salgueiro, Eiras, Trespostos, Singral, Ribeira Velha, Vilas de Pedro, Fontão Fundeiro, Campelo, Castanheira de Figueiró, enfim, em todos os lugares, eu perguntaria ao povo — tudo isto na presença de Zé Abreu — se todos os problemas que afectam essas povoações e que eu tenho debatido nestas colunas, corajosa e insistentemente, existem ou não, estão ou não estão solucionados. E o povo responderia e o Zé Abreu, confirmava ali, na presença do povo, se tudo quanto tenho escrito é mentira ou é verdade.

A proposta parece-nos honestíssima. Mas até ao momento Zé Abreu não se mexeu. Não respondeu, ficou caladinho que nem um rato quando cheira es-

turro.

Porquê o silêncio de Zé Abreu? Se tudo quanto escrevo é mentira, porque tem ele medo de me defrontar na presença do povo do concelho?

Pois o convite aí fica, renovado. Zé Abreu terá de ser considerado o ser mais abjecto, o mais reles hipócrita, o mais nojento cobarde, se não aceitar a honesta e correcta contraposta que aqui lhe deixo em repetição . . .

Prosseguindo na resposta à «histórica» e histérica carta de Zé Abreu — a tal em que ele me ameaça de morte — e, chegando ao ponto 2, suplica ele que eu identifique nas colunas deste Jornal (que tantos cabelos brancos lhe tem feito, «todas as obras iniciadas ou concluídas durante o exercício da Comissão Administrativa e, muito especialmente, durante o período que o Senhor Antero da Conceição Barreiros ocupou a Presidência da referida Comissão». Em resposta, eu chamo aqui a atenção dos leitores para o anterior número deste Jornal, onde vem publicada a resposta daquele mesmo Senhor Antero da Conceição Barreiros às arruaças esgançadas e enxofradas de Zé Abreu. Nessa resposta, clara e irrefutável, Antero Barreiros põe toda a verdade a nú e por ela ficou todo o povo a saber que afinal, tudo quanto está feito é obra de Antero Barreiros e não de Zé Abreu.

Tudo, é como quem diz, as obras úteis, as obras que resultam em benefício do povo e concorrem para o progresso do concelho, porque as obras de fachada, as perdularices, os esbanjamentos, as histerias, as pavonices, a estragação dos dinheiros municipais, dinheiros do povo, isso na verdade, é da responsabilidade de Zé Abreu. Com efeito, foi Zé Abreu que gastou mais de 100 contos — dinheiro do povo — na construção de uma piscina para cisnes negros; foi Zé Abreu que estragou mais de 400 contos — dinheiro do povo — na construção de uma tasca no Parque que só é utilizada na feira das vaidades cá do sítio, três dias por ano durante a Feira Anual; foi Zé Abreu que estoirou 442 contos — dinheiro do povo — na compra de um automóvel de luxo para ele passear; foi Zé Abreu que estoirou cerca de dois mil contos — dinheiro do povo — na compra de um monumental carro de luxo para o lixo, carro tão grandioso que

não cabe (!) na maior parte das ruas da Vila; foi Zé Abreu que gastou mais de 200 contos — dinheiro do povo — na construção de um barracão junto ao Bairro Municipal destinado a recolha das viaturas mas onde não coube o Jeep Land-Rover que foi roubado precisamente porque ficou na rua; foi Zé Abreu que estoirou centenas de contos — dinheiro do povo — na compra de outro Jeep para substituir aquele que a incúria presidencial deixou roubar; foi Zé Abreu que estoirou cerca de dois mil contos — dinheiro do povo — na compra de mais uma viatura passada cuja necessidade imediata é muito discutível; foi Zé Abreu que consentiu que os cisnes negros dos seus encantos espantasssem canteiro ou canteiros da sala de visitas desta terra — o Jardim-Parque — o que implicou gastos de dinheiro do povo; é Zé Abreu o responsável pela compra de todas ou quase todas as viaturas adquiridas pela Câmara a uma só firma — porque será? — sem concurso público, o que se torna muito estranho e resulta em prejuízo da Câmara, do concelho e sobretudo do povo, que tem de pagar todos os erros todas asneiras, a nata incapacidade administrativa de Zé Abreu.

Essas que aí designam s, dentre outras do mesmo jãz, essas, sim são as GRANDIOSAS Obras de Zé Abreu . . .

E, se não é verdade tudo quanto Antero Barreiros afirmou na resposta a Zé Abreu, se não é verdade tudo quanto acima escrevo, Zé Abreu que o desminta. Se o não fizer, pois teremos que considerar Zé Abreu o mais reles mentiroso, o mais desprezível ser, o mais nojento cobarde.

Zé Abreu «exigiu-nos» a resposta à sua carta. Estamos nela. Na resposta. Que vai continuar, até à dissecação total desse caláver vivo que é Zé Abreu. Não nos treme a mão no manejo do bisturi nem nos fa'ece a coragem na tarefa em que estamos empenhados de defender os interesses do concelho e do povo que nele vive e trabalha,

Iremos até ao fim.

Se eu minto  
porque não me  
desmentem! ?

Marçal



# M E N S A G E M



Por  
Marçal  
Manuel

O mundo convulsiona açoi-  
tado pela irracionalidade selva-  
gem que acomete os homens ar-  
rastando-os a todos os extremos.

Um gigantesco hospício aprisi-  
ona os espíritos embotados no  
materialismo, no ódio, na ambi-  
ção mais egoísta, no recalque  
mais objecto, na inversão de to-  
dos os valores.

Como o anjo apavorado que  
seguia gritando «Caiu, caiu Ba-  
bilónia», também os mais lucidos  
e mais serenos, aqueles que acre-  
ditam na reconversão repelem a  
cruza evidente de uma época  
conturbada por uma crise cíclica.

Ilusória será a imagem pre-  
tendida da recuperação. Os ca-  
minhos são invios.

Que conflitos chocam as  
consciências?

A colectiva perda da razão,  
demolindo as estruturas desde  
há muito frágeis por corroídas,  
arrasta-nos inevitavelmente pe-  
las lamas da Caldeia, escraviza-  
nos às complexas alucinações de  
grandeza de Semíramis e esco-  
nos no deserto maldito de um no-  
vo Apocalipse, lambido pelas  
infernais labaredas de Dante.

Será o fim?

Que ramos toma o homem?

Que esforço nas rotas da sal-  
vação?

\*

Marxismo, maçonaria, Cris-  
tianismo, que força?!

Que verdade?!

Marx nega o seu próprio  
Manifesto vinte e quatro anos  
depois de o lançar. Calculista e  
licencioso ocupou em proveito  
próprio, algumas regras filosófi-  
cas Voltairianas, ignorando-lhe  
o cerne e usando como bandeira  
as aparências. Galvanizou certos

estratos que por aleivosia se de-  
compuseram e sobrou de toda  
essa sanha revolucionária sem  
sumo digno mas fermentoso, um  
labirinto de confusão, desordem,  
alienação viciada. Os fragmentos  
corruptos da sociedade adultera-  
da que se arregaça marxista.

A maçonaria constitui-se como  
que a descalcificação social. Im-  
pregnada de um anquilosado do-  
gmatismo ateu, a brotoeira maço-  
nica peneira-se na voluptuosida-  
de sádica do abutre rasgando as  
visceras de Prometeu.

Nega a luz, esconde o rosto  
e assume o irreal do fantasma,  
motivando-se na sombra, desa-  
piada e ardilosa.

\*

De Cristo a Marx não vai  
apenas o bojo do materialismo  
dialéctico. Arredada que está a  
hipótese de um conteúdo filosó-  
fico-social sério na teoria mar-  
xista, é precisamente no conteú-  
do da doutrina Cristã, volumoso  
e rico, espargido de harmonia e  
cristalinidade que reside a sub-  
stancial diferença que los distan-  
cia.

Cristo é o amor, a dulcifica-  
ção, a vida. Ele prégo o amor  
e semeou amor, das trevas fez  
luz, deu a outra face, sacrificou-  
se para que na imensa seara vi-  
cejasse o trigo e esmorecessem  
os escalrachos.

Lavou do ódio todos os ca-  
minhos e foi odiado, ergueu sua  
voz no monte das Oliveiras e o  
eco das suas palavras de re-  
denção da humanidade foi aba-  
fado pela dissolução de todos os  
costumes, pela devassa e degra-  
dação de todas as relações; im-  
primiu melodia ao coro dos An-  
jos e o violino é hoje considera-  
do instrumento burguês: pregou

a igualdade e os fariseus hipó-  
critas se revelaram em toda a  
sordidez «sepulcros caiados de  
branco», arrastaram-no à cruel  
dureza do Calvário e o suplica-  
ram na cruz.

Em que ficamos?

No amor de Cristo? No ódio  
de Marx? No sombrio maçóni-  
co?

Infelizmente os homens não  
beberam o exemplo de amor,  
não souberam renunciar à sua  
jactância estéril e submeteram-se  
agrilhados aos atavios — quais  
«sepulcros caiados de branco»  
— mostrando-se na arrogância  
de vendilhões, na sórdida feira  
das vaidades.

Para onde caminhamos?

Que procuramos?

Que merecemos?

Homens de pouca fé que não  
sabem resistir ao vendaval da  
insânia, que mundo pretendeis?

Que outro exemplo para  
além do sacrifício de Cristo, po-  
de orientar vossos destinos?

Terror, morte, dor e luto,  
lágrimas e maldições, coalham a  
vivência de cada um, entorpecem  
os espíritos e o mundo se des-  
morona.

Será o princípio do fim?

Que falta aos homens para  
se entenderem, identificados no  
amor de Cristo?

Poder de renúncia, humilda-  
de e fé.

E isso bastaria para mudar a  
actual face dolorosa da envolven-  
te Babilónia que nos estrangula

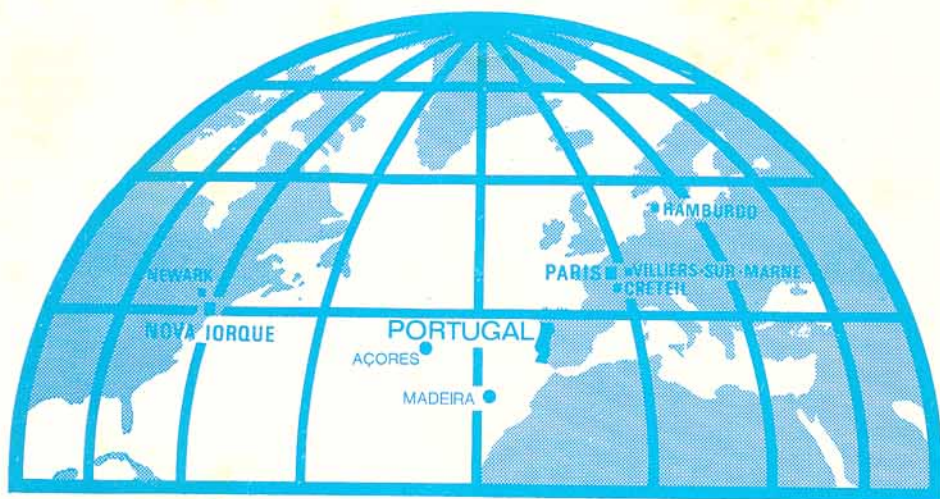


Publicação Independente Defensor dos Interesses do Comércio da Freguesia dos Vinhos AVENÇA  
Freguesia dos Vinhos, 21 de Julho de 1977  
Redacção e Administração: Av. 111 11 - Rua de São - Igreja do Vento 4800 0 164 374  
Directores: Proprietários: Marçal Manuel Pires Teixeira  
Assessor: Sôfio de 15 números  
1977 - Pagamento: semestral  
Composto e Impresso: Imprensa Gráfica - Freguesia dos Vinhos 4800 0 164 374

Cumprimenta os seus Exmos. Ami-  
gos, Anunciantes, Assinantes, Colabora-  
dores, correspondentes e de um modo geral  
toda a População, a todos desejando um  
Novo Ano pleno de Felicidades.

Os anunciantes de 'Comarca  
de Figueiró' cumprimentam os seus  
Exmos. Clientes, Amigos e popula-  
ção em geral, formulando votos de  
que o ano de 1979 lhes seja pródigo  
em paz, harmonia, felicidades e  
prosperidades





# BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

No fim de mais um ano,  
o Banco Português do Atlântico  
saúda todos os que com ele trabalharam,  
prometendo continuar a desenvolver, em 1979,  
os melhores esforços para lhes prestar  
serviços rápidos e eficientes

Para os Emigrantes Portugueses também os votos de  
Feliz Natal e Próspero 1979  
dos Balcões BPA ao seu serviço no estrangeiro

## PARIS

5/7, Rue Auber, 75009 · Telef. 073.24.65

## VILLIERS-SUR-MARNE

55, Av. du Général de Gaulle · Telef. 304.37.34

## CRETEIL

53, Rue du Général Leclerc · Telef. 899-2176

## NOVA-IORQUE

2, Wall Street · Telef. 212/577.7440 · N. Y. 10005

## NEWARK

Ferry St. 73/75 · Telef. (201) 589-8388 · Newark N. J. 07105

## HAMBURGO

DEPARTAMENTO PORTUGUÊS no VEREINS UND WESTBANK  
Filial Kajen · Kajen, 2 · Telef. 362344 · 2, Hamburg 11

BANCO  
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

